

Cultura de Paz

por Mário Soares

Quem seguir, com atenção, os acontecimentos que se sucedem, em crescendo, em todos os Países e Continentes, de violência, nas suas múltiplas formas, de crime organizado, maus tratos e de autêntico terror, não pode deixar de constatar que o mundo está cada vez mais perigoso, violento, inseguro e nada agradável de viver, para quem tenha um mínimo de sensibilidade humanista.

É certo que tanto quanto sabemos da História da Humanidade, desde os seus incertos começos, o homem sempre foi o inimigo do homem e os conflitos entre pessoas, famílias, grupos étnicos, bem como as guerras, entre Estados, Religiões, Raças e Interesses Multinacionais, sempre foram uma constante quase inevitável.

No século passado vivemos o terror de duas grandes guerras, a nível mundial, responsáveis por milhões de mortos, feridos e estropiados. Conhecemos os campos de concentração e de morte, o holocausto, os bombardeamentos que arrasaram cidades, matando crianças inocentes. Para além disso, pela primeira vez, o homem construiu armas nucleares, experimentadas em Hiroshima e Nagasaki, capazes de destruir o próprio Planeta.

Por isso, os vencedores da II Grande Guerra – apesar de já divididos, por ideologias incompatíveis – decidiram não voltar a provocar guerras e criaram as Nações Unidas, uma organização internacional com o objectivo de evitar a guerra e assegurar a Paz. Houve a “guerra fria”, que foi responsável por sucessivos conflitos regionais, mas evitou-se uma nova guerra mundial, através do chamado “equilíbrio do terror”. A frase foi de um antigo Secretário de Estado americano, Foster Dulles.

2001 marca um novo passo, extremamente perigoso, no caminho da violência: o aparecimento do chamado “terrorismo global”, que envolve fanáticos que sacrificam as próprias vidas para matar inocentes e espalhar o terror... E outro perigo suplementar e imenso: a proliferação do armamento nuclear, não só aos três grandes, Estados Unidos, Rússia e China, mas a outros Estados, em conflito, como a Índia, o Paquistão, Israel, a Coreia do Norte e talvez o Irão.

A grande arma para lutar eficazmente contra o terror é, como se sabe, o humanismo, o diálogo possível e não a força bruta. E o desenvolvimento, desde a escola primária, do que o professor Federico Mayor Zaragoza chamou uma Cultura de Paz, durante os anos em que foi Director-Geral da Unesco e, depois disso, com a Fundação que criou com o mesmo nome, a que me honro de pertencer. Trata-se de lutar contra todas as formas de violência, que entram todos os dias em nossas casas, pelas televisões e pela Internet, que se têm vindo a tornar verdadeiras escolas de violência, que é necessário combater em todos os planos.

É óbvio que há vários apóstolos da não violência, que são referências, sem deixarem de lutar pelas suas generosas Causas: Ghandi, Luther King, Nelson Mandela, entre outros. Mas é necessário que a cultura de paz se instale, como um objectivo primordial, entre todos os Estados que se pretendem civilizados, a começar na escola primária.

Felizmente, que nos Estados Unidos temos hoje um Presidente, Barack Obama, que tem uma formação humanista sólida e se tem mostrado pacifista. Tem tentado substituir o diálogo à violência e aos conflitos. Apesar de ter mandado mais militares americanos para o Afeganistão e não ter ainda retirado as tropas do Iraque, como prometera. Reconheçamos que não é fácil a luta contra o complexo industrial-militar, denunciado por Eisenhower...

No entanto, Barack Obama, conseguiu agora uma vitória que nos compete salientar: o acordo de redução e não proliferação das armas atómicas que fez com a Rússia e a China. Foi um passo decisivo para que o Irão pense bem, antes de avançar, com a sua política de produção e proliferação de armas atómicas, que constituiriam um perigo suplementar naquela área do Médio Oriente, em si mesma tão explosiva...

Façamos, pois, da Cultura da Paz uma arma pacífica e decisiva essencial para alimentar a Causa generosa da Cidadania Europeia e Global.

Lisboa, 19 de Abril de 2010